

# O bloco em refluxo

Haroldo Hollanda

O senador paranaense Affonso Camargo Neto, do PTB, teve esta semana um novo encontro com o presidente Fernando Collor, numa nova tentativa por ele coordenada com a finalidade de compor um bloco parlamentar que assegure a eleição para a presidência do Senado de um político de total confiança do Palácio do Planalto. No entanto, os que tomaram conhecimento do teor da conversa que Camargo manteve com o Presidente da República concluíram que seus resultados não foram satisfatórios. Collor expressou seu entusiasmo pela formação do bloco, mas não ofereceu elementos concretos para que suas palavras tivessem consequência. Como o movimento a favor do bloco não experimentou progressos, o desânimo começa a se apoderar dos principais autores dessa iniciativa. Estão convencidos de que se não houver acontecimentos novos nos próximos quinze dias, quando o Congresso encerra suas atividades para entrar em recesso, o assunto poderá ser considerado como liquidado.

O senador Marco Maciel, líder do PFL, num último esforço, está tentando programar para a próxima semana um encontro de sua bancada com o Presidente da República. Parlamentares engajados na proposta da formação do bloco identificam embaraços à sua viabilização porque vários senadores do PFL já assumiram anteriormente compromissos com o senador Mauro Benevides em torno da composição da futura mesa do Senado. Alega-se ainda que o senador Mauro Benevides, como candidato à presidência do Senado, é favorecido pelo tempo em que se encontra em campanha, o que lhe dá vantagem sobre os demais concorrentes.

Políticos ligados ao governo informam que o ministro Jarbas Passarinho jamais demonstrou entusiasmo em quebrar a tradição, que assegura aos partidos representação proporcional na formação da Mesa do Senado, o que favorece o PMDB. Dentro da mesma linha de raciocínio, pondera-se que o ministro da Justiça, como antigo parlamentar, sabe que o senador Mauro Benevides, alcançando a presidência do Senado, não irá criar nenhum tipo de embaraço ou difi-

culdade ao Palácio do Planalto. Se o Presidente da República resolvesse partir para um confronto em torno da presidência da Câmara iria se conflitar desnecessariamente com a bancada do PMDB, traumatizando o partido, que tem até aqui oferecido várias demonstrações de boa vontade em relação ao governo. O bloco governista teria sentido, mas logo após a eleição da Mesa do Senado, quando o Congresso retomar suas atividades, a partir de 91.

Na Câmara, a idéia do bloco morreu. Tanto que os parlamentares que no PFL ambicionavam disputar a presidência começam a rever seus projetos nesse sentido, reformulando-os de acordo com a nova realidade.

## As chances de Prisco

O deputado baiano Luiz Eduardo Magalhães, do PFL, é de opinião que o deputado Prisco Viana, do PMDB, terá chances de ser vitorioso nas eleições para a presidência da Câmara, se concorrer contra Ulysses Guimarães. Prisco tem prevenido que não está disposto a correr riscos desnecessários, engajando-se em aventuras políticas. Só será candidato se receber sinais positivos de que conta com aliados importantes. O deputado Ulysses Guimarães, que se encontra no momento nos Estados Unidos, defende o ponto de vista de que o PMDB deve, nas próximas duas semanas, definir o nome do seu candidato, a fim de que tenha tempo de concluir os necessários acertos políticos com os demais partidos. Argumenta Ulysses que se as decisões nesse sentido não forem tomadas até 15 de dezembro, tudo ficará mais difícil, uma vez que com o recesso parlamentar de final de ano qualquer articulação política fica impraticável.

Um tarimbado parlamentar do PMDB encontra-se convencido de que a questão da escolha do candidato à presidência da Câmara não se resolverá no partido sem traumas dolorosos. Convém lembrar velho princípio, sempre repetido por Tancredo Neves, de que não se faz política sem vítimas. E a próxima vítima do PMDB pode ser Ulysses.